

É difícil para os pessimistas reconhecer que o País mudou

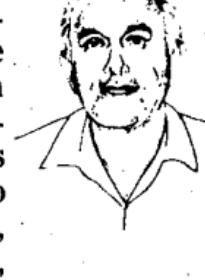
Antônio Marcus Kaluf *

Terminado 1991, temos ouvido e assistido a vários comentários do balanço do ano que, para muitos, foi um ano difícil, e para outros, que souberam aproveitar as oportunidades, foi um ano cheio de bons resultados. Os pessimistas e os catastrofistas fizeram de 1991 muito mais um ano de oposição política do que um ano de trabalho, de luta, no qual foi possível, aos capacitados e competentes, mostrar que ainda há como atingir objetivos, mesmo sem a colaboração do governo.

Há muito os brasileiros já deveriam ter esquecido a intromissão e a gestão governamental nos negócios privados. Entretanto, mal acostumados às benesses dos governos, não era nem é cômodo renunciar a empréstimos e financiamentos facilitados, à prorrogação de dívidas, a aumentos indiscriminados de preços para obtenção de lucros fáceis, aproveitando-os no lazer pessoal, ao invés de reinvesti-los, buscando tecnologia e melhor produtividade. A renúncia a isso dói mais do que "dor-de-cotovelo".

Foi preciso que o próprio governo, demonstrando determinação e firmeza, negasse seu apoio aos aproveitadores das situações fáceis. Não houve renúncias, mas houve choros. Acabou a mamata. Está sendo difícil para os pessimistas reconhecer que o País mudou, que o governo quer, de qualquer forma, modernizar a Nação. Essas mudanças são doloridas, mas necessárias. E agora, quando terminou 1991, em meio ao "ranger de dentes", nota-se que o governo não vai mesmo sair de seus propósitos.

Os catastrofistas, que sempre usaram o resto da mamadeira dos oportunistas,



tas, se incumbem de alardear que haverá uma quebradeira geral. Se o governo mantiver sua política, o resultado fica por conta da informação manca que se procura dar ao pouco culto povo brasileiro. A situação para 1992 não é para os pseudo-oportunistas, mas para os verdadeiros trabalhadores, pessoas que raciocinam e transformam qualquer tipo de dificuldade em oportunidade. Não temos dúvida sobre isso. É só deixar passar o tempo para conferir.

No final do ano que passou, verificarão que onde houve criatividade houve também lucratividade. Mas é preciso que o empresário brasileiro, de qualquer ramo de atividade, saiba que essa lucratividade não lhe pertence. A empresa é do proprietário, mas o caixa não.

As dificuldades sempre existiram. Inteligência e capacidade também, e sempre ganharam a guerra, quando foram bem usadas. Somos otimistas. Acreditamos no Brasil que ainda é, no mundo, o País mais viável para investimentos e, se assim não fosse, não haveria um sem-número de empresas estrangeiras querendo aqui se instalar. O governo, na nossa opinião, que contraria talvez hoje a de milhões, está marchando no caminho certo. As dificuldades causadas pelas políticas adotadas serão superadas. Quem conhece um pouco da história do País sabe que foi sempre assim.

O que não se pode é querer ficar eternamente pendurados nas tetas do governo, na busca de soluções fáceis. A esses pertencem as reclamações e os choros. Convivendo e lutando com as dificuldades, eliminando o pessimismo e trabalhando, chegaremos à conclusão de que não há governo ruim, mesmo que o queira ser. Os que trabalharem, vencerão.

* Presidente do Coonai de Ribeirão Preto (SP).